

2. Fundamentação teórica

A maioria das pessoas imagina que o importante, no diálogo, é a palavra.

Engano, e repito: – o importante é a pausa.

É na pausa que duas pessoas se entendem e entram em comunhão.

NELSON RODRIGUES

Este capítulo apresentará a fundamentação teórica que orientou a pesquisa e a metodologia de trabalho adotada. Como foi mencionado na introdução, o paradigma que informa esta dissertação é o dos estudos descritivos da tradução (Toury, 1995), que parte da teoria dos polissistemas formulada por Itamar Even-Zohar na década de 1970. Para realizar o estudo de caso da tradução para o inglês de *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues, aplicou-se a metodologia proposta por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) e foram utilizados conceitos-chave introduzidos por estudiosos como André Lefevere (1992) e Javier Franco Aixelá (1996). É preciso ressaltar, no entanto, que as teorias elaboradas por todos esses estudiosos devem muito ao trabalho fundador de James S. Holmes, cujo texto seminal *The Name and Nature of Translation Studies* (1988)² abriu caminho para muitos dos trabalhos posteriores realizados no campo dos estudos da tradução. Como aponta Jeremy Munday em seu livro *Introducing Translation Studies*, embora a prática da tradução esteja estabelecida há muito tempo (foi discutida por Cícero e Horácio no século I a.C. e São Jerônimo no século IV d.C.), o desenvolvimento dos estudos da tradução como uma disciplina acadêmica só começou na segunda metade do século XX (Munday, 2001, p. 7).

Talvez a contribuição mais importante do texto de Holmes tenha sido o esboço que fez dos vários ramos possíveis dentro dos estudos da tradução, que posteriormente vieram a ser estudados em pormenor pelo estudioso israelense Gideon Toury, cujas ideias analisaremos mais adiante neste capítulo. Holmes subdividiu os estudos da tradução nos campos de pesquisa “puros” e “aplicados”. Enquanto a vertente aplicada se preocupa com os aspectos mais práticos, tais como a formação de tradutores, as ferramentas da tradução e afins, o ramo dos estudos

² Embora as ideias de Holmes tenham sido originalmente apresentadas em 1972, no III Congresso Internacional de Linguística Aplicada (subárea de Tradução), realizado em Copenhague, só vieram a ser amplamente divulgadas em 1988, com sua publicação em coletânea juntamente com outros artigos do autor.

“puros” volta-se para a “descrição dos fenômenos de tradução”³ e o “estabelecimento de princípios gerais para explicar e prever tais fenômenos”⁴ (Munday, 2001, p. 11). Esse ramo, por sua vez, subdivide-se em dois, um voltado para os estudos teóricos, que podem ser gerais ou parciais (restritos à área, ao meio, à ordem, ao tempo, ao tipo de texto, etc.), e outro voltado para os estudos descritivos, cujo foco pode ser o produto, a função ou o processo.

Os estudos descritivos da tradução orientados para o produto têm como foco a análise de traduções existentes. Esses estudos podem examinar, por exemplo, não só um texto-fonte e sua tradução, como também um texto-fonte e diversas de suas traduções (para uma ou várias línguas-alvo), e podem ser reunidos de modo a considerar períodos, textos ou idiomas específicos, seja a partir de uma abordagem sincrônica ou diacrônica. Os estudos descritivos orientados para a função investigam o papel de textos traduzidos no meio sociocultural da língua-alvo. E os estudos descritivos orientados para o processo tentam sondar o que acontece na mente do tradutor, no ato de traduzir (Munday, 2001, p. 11). Nos próximos capítulos, este trabalho examinará a versão em inglês de *A vida como ela é...* voltando-se tanto para o produto em si, analisando as estratégias de tradução dos chamados itens de especificidade cultural, como a função — no sentido de lugar sistêmico — ocupada por Nelson Rodrigues e *Life As It Is* no polissistema literário norte-americano.

2.1 A teoria dos polissistemas e os estudos descritivos da tradução

Itamar Even-Zohar formulou o modelo polissistêmico entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970 em uma tentativa de solucionar um determinado conjunto de problemas teóricos relacionados à “estrutura historicamente intrincada”⁵ da literatura hebraica (Even-Zohar, 1990, p. 1). Segundo essa teoria, existem várias forças relacionadas à produção de um determinado produto cultural, as quais podem ser analisadas sincrônica e diacronicamente. Essas forças compõem os diferentes sistemas, tanto canonizados quanto não canonizados, que entram em contato numa mesma cultura ou nos pontos de contato

³ No original, “the description of the phenomena of translation”. Tradução minha, assim como todas as demais citações de obras em língua inglesa.

⁴ “the establishment of general principles to explain and predict such phenomena”

⁵ “historically intricate structure”

de duas culturas diferentes. O conjunto desses sistemas inter-relacionados é denominado *polissistema* (Even-Zohar, 2005, p. 1-11).

Segundo Even-Zohar, os estudos baseados na teoria polissistêmica têm procurado cada vez mais examinar as transferências de produtos culturais que acontecem entre os vários polissistemas e determinar “em primeiro lugar, por que as transferências ocorrem, as razões para transferências específicas, e como elas são manifestadas (realizadas)”⁶ (Even-Zohar, 2005, p. 5). Nesta pesquisa procurei entender as transferências que aconteceram não apenas na cultura-fonte (que levaram a uma reclassificação de *A vida como ela é...*, originalmente uma coluna de jornal diário, escrita para o consumo imediato e passageiro, que foi reorganizada sob forma de uma coletânea de ficção em prosa digna dos esforços de reedição de uma das editoras mais respeitadas no Brasil, a Agir), mas também à transferência, pela via da tradução, do produto cultural *A vida como ela é...* para o polissistema literário norte-americano. Para alcançar esse objetivo, também utilizaremos algumas das teorias de Even-Zohar sobre o conceito de polissistema literário e da posição da literatura traduzida nesse polissistema.

Em reconhecimento à importância de se considerar os fatores extratextuais, a definição de Even-Zohar (1990) do polissistema literário foi progressivamente ampliada para aumentar a gama de fatores reconhecidos como pertencentes ao sistema (p. 29). Inspirado por uma releitura da obra dos formalistas russos dos anos 1920, Even-Zohar (1990) propôs um alargamento do escopo do sistema literário para incluir considerações sobre outros elementos, por ele identificados como *produtor, consumidor, instituição, mercado, repertório e produto*, que serão explicados a seguir. O termo *produtor* é empregado pelo teórico para se referir aos escritores, a fim de tentar evitar as imagens que o termo “escritor” pode evocar na mente do leitor (p. 34); o termo *consumidor* inclui tanto os consumidores diretos como os indiretos, agindo individualmente ou em grupos, e estes grupos são normalmente referidos como *o público* (p. 36-37); a *instituição* deve ser entendida como o conjunto de fatores envolvidos na manutenção da literatura como uma atividade sócio-cultural (p. 37); o *mercado* é o conjunto de fatores ligados à compra e venda de produtos literários e com a promoção dos tipos de consumo (p. 38); o *repertório* designa o conjunto de regras e materiais que regem tanto a

⁶ “[w]hy transfers take place in the first place, the reasons for specific transfers, and how they are actualized (performed)”

produção e a utilização de um determinado produto (p. 39); e o termo *produto* se refere a:

qualquer conjunto de signos realizado (ou potencialmente realizado), i.e., que inclui um determinado “comportamento”. Assim, qualquer resultado de qualquer atividade pode ser considerado um “produto”, independente da sua manifestação ontológica.⁷ (Even-Zohar, 1990, p. 43)

Com relação ao papel da literatura traduzida, Even-Zohar afirma que esta costuma ocupar uma posição periférica nos polissistemas literários, não afetando significativamente o sistema literário dominante na cultura-alvo. Como explica Even-Zohar, quando a literatura ocupa uma posição periférica o tradutor vai buscar modelos textuais secundários disponíveis na cultura-alvo, o que geralmente leva à produção de traduções que seguem as normas do polo receptor (Even-Zohar, 1990, p. 51). Existem apenas três casos, segundo o mesmo teórico, em que a literatura traduzida pode vir a desempenhar um papel central na formação do polissistema literário da cultura-alvo: (a) quando o polissistema ainda não está cristalizado, ou seja, quando a literatura ainda é “jovem”, encontrando-se em processo de formação; (b) quando a literatura nacional é “periférica” (dentro de um grupo maior de literaturas) ou “fraca”, ou se insere em ambos os casos; e (c) quando há momentos decisivos, crises ou vácuos em uma literatura (Even-Zohar, 1990, p. 47).

A propósito da nossa pesquisa, podemos dizer que, no caso do polissistema literário norte-americano, que constitui o contexto de recepção de *Life As It Is*, os estudos disponíveis — com especial destaque para os desenvolvidos por Lawrence Venuti (1995 e 1998) — indicam que a literatura traduzida ocupa uma posição periférica, não se encaixando nos casos excepcionais listados acima.

As ideias de Even-Zohar a respeito da literatura como um polissistema foram expandidas por Gideon Toury, que as aplicou ao estudo das traduções literárias e formulou o conceito de normas tradutórias. Retomando o esboço da disciplina dos estudos da tradução proposto por Holmes em 1972, conforme mencionado no início deste capítulo, Toury voltou-se especificamente para o ramo

⁷ “any performed (or performable) set of signs, i.e., including a given ‘behavior.’ Thus, any outcome of any activity whatsoever can be considered ‘a product,’ whatever its ontological manifestation may be.”

dos estudos descritivos, que podem ser orientados para o produto, para a função ou para o processo.

Na Figura 2.1, Gideon Toury esboça a relação entre função, produto e processo no ato tradutório.

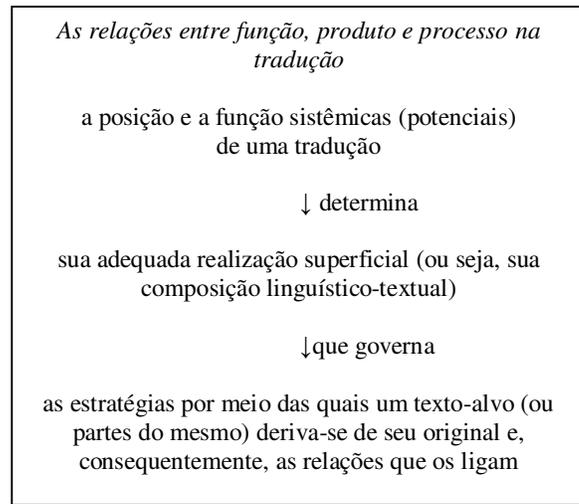


Fig 2.1 Toury, 1995, p.13 ⁸

Assim como Even-Zohar, Toury explica que:

a posição (ou função) [potencial] de uma tradução dentro de uma cultura-alvo (ou um setor específico da mesma) deve ser considerada como forte fator de controle da própria composição do produto, no que se diz respeito aos modelos subjacentes, à representação linguística, ou a ambos os fatores.⁹ (Toury, 1995, p. 12)

Para o teórico, essa função potencial pode também controlar as estratégias às quais se recorre durante a produção do texto em questão e, conseqüentemente, o processo tradutório em si (Toury, 1995, p. 13). Além disso, Toury afirma que se deve considerar o lugar sistêmico que o ato de traduzir ocupa na cultura-alvo (central ou periférico, de prestígio ou pouco valorizado), porque isso também pode afetar as estratégias que são utilizadas pelos tradutores e a relação que se estabelece entre as traduções e seus respectivos textos de origem.

⁸ “The relations between function, product and process in translation ... the (prospective) systemic position & function of a translation ... determines ... its appropriate surface realization (= textual-linguistic make-up) ... governs ... the strategies whereby a target text (or parts thereof) is derived from its original, and hence the relationships which hold them together.”

⁹ “the [prospective] position (or function) of a translation within a recipient culture (or a particular section thereof) should be regarded as a strong governing factor of the very make-up of the product, in terms of underlying models, linguistic representation, or both.”

Toury enfatiza a necessidade de se realizar estudos de caso, a fim de aplicar e testar a estrutura teórica subjacente. Em uma entrevista publicada em *Beyond Descriptive Translation Studies* (2008), Toury afirma sua convicção de que “cada caso é relevante — cada estudo de caso é instrutivo. Em retrospecto, pode-se dizer que o caso ‘x’ foi mais esclarecedor, que levantou aspectos mais relevantes do que o caso ‘y’. Mas, *a priori*, todos os casos são interessantes”¹⁰ (p. 400).

Como parte de sua definição dos estudos descritivos da tradução, Toury defende a realização de estudos cuidadosamente realizados sobre conjuntos de problemas ou um corpus bem definido. A seu ver, esses estudos representam a melhor maneira de provar, refutar ou modificar as teorias que servem como base para as pesquisas. As relações entre as vertentes teórica e descritiva de uma disciplina, que são de natureza recíproca, também possibilitam a produção de estudos mais refinados e significativos, que por sua vez facilitam um entendimento ainda melhor daquele segmento de realidade que é objeto da ciência (Toury, 1995, p. 1).

Toury, que considera as traduções como fatos culturais (1995, p. 27), identifica uma série de normas que estão em jogo durante o ato da tradução. A influência destas normas pode ser identificada através da análise dos produtos criados a partir da atividade tradutória. Existem fontes textuais (os textos traduzidos em si) e extratextuais (formulações teóricas ou semicríticas, como as declarações feitas pelos tradutores, editores etc.), que podem ser utilizadas na reconstrução das normas tradutórias. Toury (1995) adverte que

é natural, e muito conveniente, dar início a uma pesquisa sobre comportamento tradutório concentrando-se nas normas isoladas que se relacionam a dimensões comportamentais bem-definidas, sejam elas – e os pares de segmentos que as representam, constituídos pelo segmento que substitui e pelo que é substituído – estabelecidas a partir da perspectiva do texto-fonte (por exemplo, substituições tradutórias de metáforas do texto-fonte) ou da perspectiva do texto-alvo (por exemplo, binômios de quase-sinônimos como substituições tradutórias). No entanto, a tradução é intrinsecamente multidimensional: os múltiplos fenômenos apresentados pela tradução estão fortemente interligados e não permitem um isolamento fácil, nem mesmo para fins metodológicos. Assim, a pesquisa não deve ficar presa no beco sem saída da fase “paradigmática” que na melhor das hipóteses vai render listas de “normemas” ou normas distintas. Pelo contrário,

¹⁰ “every case is relevant – every test case is instructive. In retrospect, you could say that case ‘x’ was *more* illuminating, had newer things about it than case ‘y’. But, *a priori*, every case is of interest.”

sempre deve proceder para a fase “sintagmática”, que considera a *integração* de normemas de várias áreas de estudo.¹¹ (p. 66)

Na próxima seção, detalharemos o modelo utilizado no presente estudo para considerar, de maneira sistemática, os vários fatores em jogo na tradução de *A vida como ela é...*

2.2 O modelo de Lambert e van Gorp

O campo dos estudos da tradução experimentou uma mudança importante quando a teoria dos polissistemas de Even-Zohar foi incorporada por um grupo de estudiosos europeus que tinham uma série de afinidades, assim definidas por Theo Hermans, em sua introdução à coletânea de artigos *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*:

(...) uma visão da literatura como um sistema complexo e dinâmico; a convicção de que deve haver uma interação contínua entre modelos teóricos e estudos de caso; uma abordagem à tradução literária que é descritivista, orientada para a cultura-alvo, funcional e sistêmica; e um interesse pelas normas e restrições que regem a produção e recepção de traduções, pela relação entre tradução e outros tipos de reescrita, e pelo lugar e a função das traduções, tanto dentro de uma literatura específica quanto na interação entre as literaturas.¹² (Hermans, 1985, p. 10)

Munday (2001) considera forte a ligação entre a teoria dos polissistemas e os estudos descritivos da tradução. Segundo ele, a *Manipulation School*, como esse grupo de pesquisadores ficou conhecido por influência do título da coletânea

¹¹ “It is natural, and very convenient, to commence one’s research into translational behavior by focusing on isolated norms pertaining to well-defined behavioral dimensions, be they – and the coupled pairs of replacing and replaced segments representing them – established from the source text’s perspective (e.g., translational replacements of source metaphors) or from the target text’s vantage point (e.g., binomials of near-synonyms as translational replacements. However, translation is intrinsically multi-dimensional: the manifold phenomena it presents are tightly interwoven and do not allow for easy isolation, not even for methodical purposes. Therefore, research should never get stuck in the blind alley of the ‘paradigmatic’ phase which would at best yield lists of ‘normemes’, or discrete norms. Rather, it should always proceed to a ‘syntagmatic’ phase, involving the integration of normemes pertaining to various problem areas.”

¹² “a view of literature as a complex and dynamic system; a conviction that there should be a continual interplay between theoretical models and practical case studies; an approach to literary translation which is descriptive, target-oriented, functional and systemic; and an interest in the norms and constraints that govern the production and reception of translations, in the relation between translation and other types of text processing, and in the place and role of translations both within a given literature and in the interaction between literatures.”

organizada por Hermans, prosseguiu com base em uma contínua interação entre os modelos teóricos e estudos de caso práticos (Munday, 2001, p. 20).

Como seria de se esperar, houve um interesse natural na definição de uma metodologia a ser empregada na realização de estudos de caso. Para os fins do presente trabalho, o modelo proposto por José Lambert e Hendrik van Gorp em seu texto “On Describing Translations”, de 1985, será utilizado para orientar a análise dos dados que serão apresentados neste estudo. Ao explicar a necessidade de uma visão mais abrangente do contexto do sistema de textos traduzidos, Lambert e van Gorp destacam o fato de que,

[t]radicionalmente, a crítica de tradução foi vista de uma forma estritamente binária e unidirecional, como um confronto direto entre [o texto-fonte]¹³ e [o texto-alvo]. Em muitos casos, foi reduzida não apenas a (alguns) aspectos linguísticos do problema da equivalência, mas até mesmo à questão específica quanto a se certos traços linguísticos do [texto-alvo] são ou não equivalentes (apropriados) de traços linguísticos que lhes correspondem no [texto-fonte]. A crítica da tradução “literária” muitas vezes se comporta exatamente da mesma maneira, no máximo ampliando a análise de modo a incluir alguns traços literários.¹⁴ (Lambert & van Gorp, 1985, p. 46)

Dessa forma, o foco deste estudo será nas conexões que existem entre *A vida como ela é...* e o polissistema literário brasileiro, *Life As It Is* e o polissistema literário norte-americano, e a interseção desses dois sistemas por meio da transferência dessa obra do português para o inglês, prestando especial atenção à forma como essa transferência se processa no nível microtextual. Como Lambert e van Gorp também salientam, “não é absurdo estudar um único texto traduzido ou um único tradutor, mas é absurdo ignorar o fato de que essa tradução ou esse tradutor tem conexões (positivas ou negativas) com outras traduções e outros tradutores”¹⁵ (Lambert & van Gorp, 1985, p. 51). De acordo com essa visão,

¹³ No original, Lambert e van Gorp usam um sistema de abreviações para os termos-chave, tais como “texto-fonte”, “ texto-alvo”, “sistema-fonte”, “sistema-alvo” que, se forem mantidos na forma original, podem gerar confusão. Sendo assim, em todas as citações referentes à obra dos autores optei por substituir as abreviações pelos termos citados.

¹⁴ “Traditionally, translation criticism has been viewed in a strictly binary and one-directional way, as a straightforward confrontation between [the source text] and [the target text]. In many cases it has been reduced not only to (some) linguistic aspects of the equivalence problem, but even to the particular question whether or not certain linguistic features in [the target text] are (appropriate) equivalents of corresponding linguistic features in [the source text]. ‘Literary’ translation criticism more often than not behaves in exactly the same way, at most extending the analysis to include some literary features.”

¹⁵ “It is not at all absurd to study a single translated text or a single translator, but it is absurd to disregard the fact that this translation or this translator has (positive or negative) connections with other translations and other translators.”

vamos também considerar o contexto mais amplo da literatura brasileira traduzida dentro do polissistema literário norte-americano.

Para realizar um estudo de caso que contemple fatores além de uma simples análise de texto, Lambert e van Gorp oferecem uma metodologia útil através da qual o pesquisador interessado em examinar uma tradução publicada poderia começar a realizar seu trabalho. O modelo de Lambert e van Gorp se concentra em quatro áreas de análise: os dados preliminares, o nível macroestrutural, o nível microestrutural e o contexto sistêmico de uma tradução. O que se segue é uma descrição do modelo. Começando com os dados preliminares e o nível macroestrutural de análise, Lambert e van Gorp (1985) explicam que,

[p]rimeiro, o estudioso recolhe informações sobre as características macroestruturais gerais da tradução. A tradução é identificada como tal (como uma “tradução”, ou como uma “adaptação” ou “imitação”)? O que significam esses termos na época em questão? O nome do tradutor é mencionado em algum lugar? O texto pode ser reconhecido como um “texto traduzido” (interferência linguística, neologismos, características sócio-culturais)? As estruturas gerais do texto são do tipo “adequado” (tradução total/parcial)? O tradutor ou o editor faz algum comentário metatextual (prefácio, notas de rodapé)? Um levantamento como este já nos dá uma ideia geral da estratégia global da tradução e de suas principais prioridades.¹⁶ (p.48)

Uma vez que a análise em nível macroestrutural tiver sido efetuada, Lambert e van Gorp (1985) oferecem dicas para a realização da análise do texto selecionado no nível microestrutural.

Talvez seja sensato começar por considerar os diferentes fragmentos, e depois analisá-los novamente a partir do ponto de vista de regras textuais específicas. O tradutor traduz palavras, frases, parágrafos, metáforas, sequências, narrativas? Ele dificilmente terá sido capaz de traduzir todos esses níveis de texto na mesma medida e com o mesmo grau de sutileza. É bem provável que ele tenha sacrificado níveis textuais específicos (por exemplo, o léxico) em prol de outros níveis (por exemplo, a literariedade). Uma análise microscópica como esta, que poderia, em alguns casos, ser fundamentada com dados estatísticos, nos permite observar a coerência e a estrutura hierárquica da estratégia de tradução. Pode também

¹⁶ “The student first collects information about the general macro-structural features of the translation. Is the translation identified as such (as a ‘translation’, or as an ‘adaptation’ or ‘imitation’) and what do these terms mean in the given period? Is the translator’s name mentioned anywhere? Can the text be recognized as a ‘translated text’ (linguistic interference, neologisms, socio-cultural features)? Are the general text structures of the ‘adequate’ type (total/partial translation)? Does the translator or the editor provide any meta-textual comment (preface, footnotes)? A survey like this already gives us a rough idea of the overall translational strategy and the main priorities in it.”

permitir-nos formular hipóteses sobre a origem e a posição dessa estratégia (texto-fonte? texto-alvo? sistema-alvo?).¹⁷ (p. 49)

Essa abordagem, segundo Lambert e van Gorp, permite que o pesquisador identifique as “regras textuais” e as “regras tradutórias” que orientam o trabalho do tradutor. Essas regras podem então ser ligadas ao sistema como um todo, a fim de propor perguntas a respeito da conduta do tradutor, do lugar que sua tradução ocupa ou pode ocupar no contexto mais amplo do sistema literário, e eventuais conflitos entre as normas de tradução e as “normas e as expectativas do público receptor (críticos, leitores)”¹⁸ (1985, p. 50).

2.3 André Lefevere e os conceitos de patronagem e reescrita

As teorias de outro estudioso da tradução, André Lefevere, também foram relevantes para esta análise macroestrutural de *Life As It Is*. Lefevere também adere à noção de que a literatura, na descrição dos teóricos formalistas russos, é um dos sistemas que constituem o “sistema de sistemas complexo” conhecido como a cultura (Lefevere, 1992, p. 14). Lefevere introduz dois conceitos teóricos que serão essenciais para a macroanálise realizada neste estudo de caso, a saber: *reescrita* e *patronagem*.

O conceito de reescrita designa o resultado de uma complexa articulação do sistema literário com outras práticas institucionalizadas e outras formações discursivas (religiosas, étnicas, científicas) (Lefevere & Bassnett, 1990, p. 13). Lefevere destaca que a tradução é a forma mais reconhecível de reescrita e também a mais influente, “porque é capaz de projetar a imagem de um autor e/ou uma (série de) obra(s) em uma outra cultura, levando o autor e/ou as obras para além das fronteiras de sua cultura de origem.”¹⁹ (1992, p. 9)

¹⁷ “It might be wise to begin by looking at the different fragments, and then to analyze them again from the point of view of particular textual rules. Does the translator translate words, sentences, paragraphs, metaphors, narrative sequences? He will hardly have been able to translate all these text levels to the same extent and with the same degree of subtlety. Most likely, he will have sacrificed specific text levels (e.g. lexis) to other levels (e.g. literariness). Such microscopic analysis, which could in some instances be supported with statistical data, enables us to observe the consistency and the hierarchical structure of the translation strategy. It may also allow us to formulate hypotheses concerning the origin and position of this strategy (source text? target text? target system?).”

¹⁸ “norms and expectations of the receptor audience (critics, readers).”

¹⁹ “because it is able to project the image of an author and/or a (series of) work(s) in another culture, lifting that author and/or those works beyond the boundaries of their culture of origin.”

Mas a reescrita pode também ocorrer nos casos de historiografia, organização de antologias, crítica e revisão (Lefevere, 1992, p. 9). Para ilustrar o conceito de reescrita, Lefevere escreve que

[s]e leitores de literatura não-profissionais forem questionados sobre quem foi Christopher Marlowe, por exemplo, dificilmente eles vão procurar ler as obras completas de Marlowe. Pelo contrário, é bem provável que procurem pelo autor em uma obra de reescrita como o *Oxford Companion to English Literature*. Se eles precisarem ou quiserem saber mais, é provável que consultem algumas das histórias da literatura inglesa disponíveis. Talvez eles também pensem nas produções de *Dr. Faustus* para o palco ou para a tela.²⁰ (Lefevere, 1992, p. 6)

Na concepção de Lefevere, os agentes de reescrita atuam como um mecanismo de controle interno ao sistema literário, enquanto a patronagem — outro conceito-chave de suas teorizações — constitui um mecanismo de controle externo a esse sistema. Incluem-se entre os agentes de reescrita profissionais como críticos, resenhistas, professores e tradutores, os quais têm o poder de reprimir certas obras que se opõem à ideologia e à poética dominantes, seja alijando-as do sistema, seja fazendo reescritas das mesmas. A patronagem, por sua vez, é integrada pelas pessoas e instituições que podem facilitar ou impedir a leitura, a escrita e a reescrita da literatura.

A patronagem compõe-se de três elementos que interagem em diversas combinações: o componente ideológico, que impõe coerções sobre a escolha e a elaboração tanto da forma como do assunto das reescritas; o componente econômico, onde um patrono garante os meios de sobrevivência dos autores e reescritores; e o componente de *status*, que refere à integração em um determinado grupo de apoio e seu estilo de vida (Lefevere, 1992, p. 16).

Além disso, a patronagem pode ser diferenciada e não-diferenciada. A patronagem não-diferenciada ocorre quando todos os três componentes citados acima (ideológico, econômico e de *status*) são fornecidos pelo mesmo patrono, como, por exemplo, no caso de estados totalitários e conglomerados como editoras, livrarias e veículos de imprensa (Lefevere, 1992, p. 19). Já a patronagem diferenciada ocorre quando o sucesso econômico é relativamente independente de

²⁰ “[i]f non-professional readers of literature were to be asked who Christopher Marlowe was, for instance, they are not likely to go and read Marlowe’s collected works. Rather, they are likely to look up the name in a rewriting like the *Oxford Companion to English Literature*. If they need, or want to know more, they will probably consult some of the currently available histories of English literature. They might also call to mind productions of *Dr Faustus* for the stage or for the screen.”

fatores ideológicos e nem sempre traz *status*, pelo menos não aos olhos da autodenominada elite literária (p. 17). Para ilustrar seu argumento, Lefevere se refere à maioria dos autores de *best-sellers* contemporâneos. A meu ver, o caso do brasileiro Paulo Coelho é um bom exemplo desse tipo de patronagem diferenciada. “A canonização (potencial) influencia de maneira importante a disponibilidade de uma obra de literatura. Autores candidatos à canonização, além, é claro, daqueles já canonizados, têm muito mais chances de publicação por editoras influentes” (p. 21).

Em sistemas com patronagem não diferenciada, os esforços dos patronos serão basicamente voltados para a manutenção da estabilidade do sistema social (ou seja, a cultura) como um todo. A produção literária aceita e promovida por esse sistema também deverá contribuir para tal fim, com as outras correntes vistas como dissidentes. Lefevere oferece como exemplo a literatura durante os Tudors, onde “[e]scritores dependente da patronagem do rei corriam o risco de perder essa patronagem, pelo menos em parte, se seu trabalho fosse considerado popular demais junto ao povo nas ruas”²¹ (Lefevere, 1992, p.18).

Conforme será visto nos capítulos 4 e 5 desta dissertação, o processo de reescrever Nelson Rodrigues em inglês está apenas começando. Suas obras, que já atingiram um nível de reconhecimento considerável no Brasil, permanecem, em sua maioria, desconhecidas nos Estados Unidos. Além disso, o capítulo 3 abordará algumas das maneiras em que *A vida como ela é...* foi reescrita no polissistema cultural brasileiro. Este estudo procurará determinar se, de fato, a reformulação em curso de Nelson Rodrigues na cultura-fonte, que cada vez mais valoriza sua obra em prosa e não mais o vê exclusivamente como dramaturgo de destaque, influenciou na decisão da editora norte-americana e do tradutor de levar uma parte dessa obra para o polissistema literário norte-americano. Além de manter sua posição como um dos principais dramaturgos do teatro brasileiro, cada vez mais os contos e as crônicas de Nelson estão sendo analisadas no contexto acadêmico brasileiro, e a sua visibilidade aumenta com cada reedição de pequenas partes dessa extensa obra. Como explica Lefevere:

No passado, como no presente, reescritores criaram imagens de um escritor, uma obra, um período, um gênero, às vezes até mesmo uma literatura inteira. Estas

²¹ “[w]riters dependent on the patronage of the court ran the risk of forfeiting that patronage, at least in part, if their work was seen to enjoy too much popularity with the masses in the streets”

imagens existiram lado a lado com as realidades com as quais competiram, mas as imagens sempre tenderam a alcançar mais pessoas do que as realidades correspondentes, e eles certamente continuam a fazê-lo agora. No entanto, a criação dessas imagens e o impacto que elas causaram não foram estudados no passado, e ainda não se tornaram objeto de estudos detalhados. Esse fato é particularmente estranho quando se considera que o poder exercido por essas imagens e, portanto, por seus criadores, é enorme.²² (1992, p. 5)

Conforme será demonstrado no decorrer deste trabalho, *A vida como ela é...* tem dado origem a uma variedade de imagens e ajudou a moldar a identidade de Nelson Rodrigues dentro do polissistema cultural brasileiro. O presente trabalho também investiga como a tradução de *A vida como ela é...* para o inglês tem contribuído para a criação de uma imagem correspondente no polissistema da cultura-alvo. Lefevere (1992) explica que mesmo produzindo traduções, histórias literárias, obras de referência, antologias ou coletâneas, os reescritores adaptam e manipulam os originais até certo ponto, na maioria dos casos para fazer com que eles se encaixem na(s) corrente(s) ideológica(s) ou poetológica(s) dominante(s) da época (p. 8).

2.4 Javier Franco Aixelá e os itens de especificidade cultural

O conceito de item de especificidade cultural introduzido por Javier Franco Aixelá (1996) também foi utilizado neste trabalho. De acordo com Franco Aixelá, um item de especificidade cultural é:

[o] resultado de um conflito decorrente de qualquer referência linguisticamente representada em um texto-fonte que, quando transferida para uma língua-alvo, apresenta um problema de tradução devido à inexistência ou a uma diferença de valor (determinada por fatores como ideologia, utilização, frequência, etc.) do determinado item na cultura da língua-alvo.²³ (Aixelá Franco, 1996, p. 57)

²² “In the past, as in the present, rewriters created images of a writer, a work, a period, a genre, sometimes even a whole literature. These images existed side by side with the realities they competed with, but the images always tended to reach more people than the corresponding realities did, and they most certainly do so now. Yet the creation of these images and the impact they made has not often been studied in the past, and is still not the object of detailed study. This is all the more strange since the power wielded by these images, and therefore by their makers, is enormous.”

²³ “The result of a conflict arising from any linguistically represented reference in a source text which, when transferred to a target language, poses a translation problem due to the nonexistence or to the different value (whether determined by ideology, usage, frequency, etc.) of the given item in the target language culture.”

Em sua dissertação de mestrado, *Clifford Landers – tradutor do Brasil*, Carla Melibeu Bentes resumiu essa definição do conceito de um item de especificidade cultural e explicou que este seria um “elemento textual cuja presença gere uma lacuna entre as culturas envolvidas na tradução, seja por ausência daquele conceito/objeto na realidade da cultura receptora, seja por uma diferença de função na cultura em questão” (Bentes, 2005, p. 53).

Franco Aixelá cita vários exemplos das dificuldades ligadas à tradução dos itens de especificidade cultural. Um dos exemplos vem da primeira estrofe do poema *The Waste Land* de T.S. Eliot, que começa com a afirmação: “April is the cruellest month...” (“Abril é o mês mais cruel...”). Na Inglaterra, segundo Franco Aixelá, o mês de abril é associado com flores e com a chegada da primavera; na Espanha e na Alemanha, essa mesma função é cumprida pelo mês de maio (Franco Aixelá, 1996, p. 58). Para quem mora no hemisfério sul, então, o mês de abril pode ser cruel por motivos opostos, já que representa o fim do verão e a chegada definitiva do inverno. Em casos como este, cabe ao tradutor fazer uma ponte que atravesse a lacuna cultural entre a referência do texto-fonte e o leque de possíveis traduções provenientes da cultura do texto-alvo.

Para Franco Aixelá, o ato de traduzir é um processo complexo de reescrita (1996, p. 52). Assim o teórico criou um esquema de estratégias que podem ser utilizadas pelo tradutor para verter um item de especificidade cultural. O esquema se divide em duas macrocategorias, *conservação* e *substituição*, assim definidas: a categoria de *conservação* inclui todas as estratégias que implicam uma reprodução dos signos culturais presentes no texto-fonte, enquanto a categoria de *substituição* engloba as estratégias tradutórias que visam a transformação de um artefato da cultura-fonte em algo que pode parecer pertencer à cultura-alvo.

A assimetria cultural entre duas comunidades linguísticas é necessariamente refletida nos discursos de seus membros, com toda a opacidade e inaceitabilidade que pode resultar para o sistema cultural de chegada. Assim, diante da diferença decorrente do outro, com uma série de manifestações culturais capazes de negar e/ou questionar o nosso próprio modo de vida, a tradução oferece à sociedade-alvo uma vasta gama de estratégias, que vão da conservação (aceitação da diferença por meio da reprodução de manifestações culturais no texto original) à naturalização

(transformação do outro em uma réplica cultural).²⁴ (Aixelá Franco, 1996, p.54)

A naturalização aqui citada por Franco Aixelá representa uma das várias estratégias de *substituição*. A figura 5.2. apresenta um quadro de todas as estratégias identificadas por Franco Aixelá, agrupadas por categoria.

Conservação	Substituição
Repetição	Sinonímia
O tradutor mantém o máximo possível da referência original.	O tradutor recorre a um sinônimo ou referência paralela.
Adaptação ortográfica	Universalização limitada
O tradutor recorre a processos como transcrição e transliteração. Na maioria dos casos, esta estratégia é aplicada à tradução de textos que usam um alfabeto diferente da cultura-alvo.	O tradutor troca uma referência considerada obscura por outra que seja mais facilmente entendida por seus leitores.
Tradução linguística (não-cultural)	Universalização absoluta
O tradutor mantém o sentido da referência original a partir de uma tradução puramente linguística.	O tradutor troca uma referência considerada obscura por outra que seja completamente universal e livre de conotações estrangeiras.
Glosa extratextual	Naturalização
O tradutor insere uma explicação do sentido ou implicações do item de especificidade cultural fora do texto principal, como, por exemplo, em nota de rodapé.	O tradutor transforma um item de especificidade cultural numa referência que seja específica da cultura-alvo.
Glosa intratextual	Eliminação
O tradutor insere uma explicação ou implicações do item de especificidade cultural no próprio texto traduzido.	O tradutor suprime do texto um item de especificidade cultural.
	Criação autônoma
	Estratégia pouco utilizada na qual o tradutor insere uma referência cultural inexistente no texto fonte.

Fig. 2.2. A categorização de estratégias de Franco Aixelá (1996, p. 61-4)

O tradutor de *A vida como ela é...*, em sua Nota do Tradutor de *Life As It Is* escreve que “esses contos não devem parecer totalmente estrangeiros em inglês,”²⁵ por causa das referências à cultura norte-americana que estão presentes no texto

²⁴ “Cultural asymmetry between two linguistic communities is necessarily reflected in the discourses of their members, with the potential opacity and unacceptability this may involve for the target cultural system. Thus, faced with the difference implied by the *other*, with a whole series of cultural signs capable of denying and/or questioning our own way of life, translation provides the receiving society with a wide range of strategies, ranging from conservation (acceptance of the difference by means of the reproduction of the cultural signs in the source text), to naturalization (transformation of the other into a cultural replica).”

²⁵ “the stories should not seem wholly foreign in English”

fonte e a “concisão extrema”²⁶ do estilo de Nelson (Ladd, 2009, p. v). Porém, o tradutor admite que “o uso de gíria por Nelson apresenta um desafio sem soluções fáceis”²⁷ (p. vi). Como veremos, o tradutor de *A vida como ela é...* recorre, na maioria dos casos, às estratégias de *substituição* face aos itens de especificidade cultural. É importante ressaltar que, na medida em que o foco deste estudo é o texto traduzido, ou seja, o resultado do processo tradutório, as categorias e estratégias propostas por Franco Aixelá serão utilizadas para classificar os *efeitos* das escolhas do tradutor e, não, as *motivações* das mesmas. Mais adiante, no capítulo 5, serão examinados os efeitos das soluções tradutórias adotadas por Ladd.

Antes da análise da tradução em si, porém, o capítulo seguinte fornecerá uma breve introdução a *A vida como ela é...* no contexto do polissistema cultural brasileiro.

²⁶ “extreme concision”

²⁷ “Rodrigues’s use of slang presents a challenge with no easy solutions”